

**Visitas guiadas ao Arquivo Central do Iphan:
espaço de história, educação e patrimônio**

HILÁRIO FIGUEIREDO PEREIRA FILHO*

MARIA BEATRIZ SETUBAL DE REZENDE SILVA**

As visitas de turmas de alunos aos museus e centros culturais são práticas comuns no calendário escolar de instituições de ensino fundamental e médio. Por sua vez, bibliotecas e arquivos são menos visitados: no caso das primeiras, há o pressuposto de que cada estudante tem autonomia para selecionar os livros necessários para as suas pesquisas escolares e as suas fruições pessoais. Além disso, os acervos bibliográficos encontram-se espalhados nos bairros, escolas e feiras literárias que despertam o constante interesse do público infanto-juvenil. Em situação ainda mais distinta, os acervos arquivísticos mostram-se pouco comuns no cotidiano dos estudantes, sendo raras as incursões das escolas nos arquivos públicos que atendem a um público especializado.

E foi justamente a partir desse quadro de não registrar as presenças de alunos dos ensinos fundamental e médio no seu atendimento presencial que o Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro (ACI-RJ) se dispôs a pensar em possibilidades para receber esse tipo de público. Novos desafios e porque não dizer preocupações emergiam nesse cenário inicial: como criar estratégias para que os alunos se interessem pelos documentos históricos? Qual a melhor maneira em estabelecer os diálogos com o público infanto-juvenil? Para isso, tornou-se necessário viabilizar encontros e reuniões entre professores da rede de ensino e técnicos do Iphan a fim de que os primeiros passos do projeto denominado *Arquieducação e Patrimônio* fossem realizados.

Parte integrante da estrutura da Coordenação-Geral de Pesquisa e Documentação (Copedoc), do Departamento de Articulação e Fomento (DAF), o Arquivo Central do

* Servidor público do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mestre em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e responsável pelo Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro desde 2008.

** Formada pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Santa Úrsula. Técnica em preservação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde 1985, coordenadora dos Projetos *Patrimônio e Leitura* e *Arquieducação e Patrimônio* da Copedoc/DAF e especialista em literatura infanto-juvenil pela Universidade Federal Fluminense (2006).

Iphan – Seção RJ reúne em seu acervo ricos fragmentos do passado que remetem ao constante processo de construção da trajetória da política federal de atuação da Instituição: estudos técnicos de profissionais da área da cultura nos mais diversos locais do Brasil, cujos materiais se diversificam entre fotografias, plantas, textos analíticos e relatórios; Processos de Tombamento e documentos oficiais que materializam algumas ações do Estado brasileiro nos trâmites patrimoniais; além de outras fontes primárias que caracterizam as ações de vários sujeitos que se articularam, de alguma forma, ao polifônico campo do patrimônio.

As séries documentais que se encontram no Arquivo Central despertam o interesse técnico de todas as Unidades Regionais do Iphan, gerando uma demanda constante de consultas para as realizações das atividades de rotina da Instituição. A razão para tais pesquisas explica-se porque os arquivos de muitas Unidades se constituíram, de maneira mais sistemática, somente a partir do final da década de 1970¹; logo, uma expressiva documentação desde o ano de 1937, data de fundação do Iphan, está sob guarda do Arquivo Central. Por agregar essa documentação que marca historicamente a trajetória institucional e a constituição do patrimônio cultural brasileiro, o acervo suscita, também, as incursões de pesquisadores das áreas de arquitetura, história, museologia, antropologia, turismo, arqueologia entre os diferentes níveis de graduação, mestrado e doutorado, cujos estudos versam sobre a temática do patrimônio cultural – verificando-se, inclusive, a presença constante de pesquisadores estrangeiros.

Considerando o interesse das fontes reunidas nesse acervo, a proposta do *Arquieducação* consiste em possibilitar a abertura do ACI-RJ para um público que até então não frequenta esse espaço de pesquisa e de produção do conhecimento: os alunos de ensinos fundamental e médio das escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. Além de viabilizar uma instigante troca com as instituições escolares, na medida em que potencializa novas formas de desenvolver os processos dinâmicos de ensino-aprendizagem, as visitas dos alunos ao Arquivo Central e o seu desdobramento em atividades escolares nos espaços educacionais permitem significativos ganhos na área do patrimônio: multiplicação de agentes interessados nas questões culturais;

¹ Os anos 1970 marcaram o início da descentralização de maneira mais sistemática, culminando com o não-recolhimento da documentação das representações estaduais do Iphan, por parte do Arquivo Central do IPHAN, a partir da década de 1990.

fortalecimento e divulgação do Iphan, em especial dos acervos da instituição; incentivos às novas formas de produção de conhecimento sobre o patrimônio cultural, por parte dos alunos e professores, tendo como premissas a interdisciplinaridade e o intercâmbio de experiências; e a dinamização da pesquisa, esta última entendida enquanto atividade primordial para a valorização do Arquivo como espaço de referência na lida com a memória e a história.

O *Arquieducação e Patrimônio* é mais uma linha de atuação da Copedoc no que tange às pesquisas voltadas para o campo educacional². Além disso, a proposta do projeto se articula às diretrizes gerais explicitadas pelo Iphan nos últimos anos, em especial com relação às políticas das denominadas “Casas do Patrimônio”. Estas últimas representam, em linhas gerais, tentativas de aproximação da instituição com variados atores sociais, tendo nas escolas uma interessante possibilidade de manter parcerias em prol do patrimônio cultural. Outras ações estão previstas nas “Casas do Patrimônio”, cujas especificidades das Unidades Regionais poderão sugerir atividades que possibilitem novas relações de troca entre o Iphan e a sociedade civil: oficinas, atividades lúdicas, atendimentos ao público, projetos de edição de vídeos, montagens de exposições são apenas alguns exemplos de um universo amplo a ser explorado.

No caso específico do ACI-RJ, o *Arquieducação e Patrimônio* teve início com um projeto-piloto desenvolvido durante o ano letivo de 2009. Para isso, foram necessários recortes temáticos, assim como uma adequada delimitação das atividades propostas do ponto de vista didático-pedagógico; o diálogo entre os técnicos da Copedoc, os professores da escola envolvida, o Colégio Pedro II – Unidade Humaitá, e os alunos que participaram ao longo do primeiro ano do projeto foram fundamentais para o desdobramento das atividades, revisão de objetivos e consolidação de diretrizes, traços esses típicos de uma relação profícua e dialógica no âmbito do processo de ensino-aprendizagem.

² Como exemplos dessas iniciativas, citam-se algumas ações desenvolvidos pela Copedoc: Programa de Especialização em Patrimônio (PEP), com abrangência em vários Estados da Federação, envolvendo profissionais de diversas áreas do conhecimento. Recentemente, a Capes/MEC aprovou o PEP como Mestrado Profissional; “Patrimônio e Leitura”, cujo principal objetivo é auxiliar os professores da rede de ensino a despertarem nos alunos o interesse por livros que remetam à temática do patrimônio cultural; além do “Dicionário Iphan do Patrimônio Cultural”, o qual pretende tornar acessíveis ao grande público os termos referenciais utilizados pela instituição federal ao longo da sua trajetória.

Na seara do campo do patrimônio, as possibilidades educativas:

Segundo as discussões propostas por Paulo Freire no decorrer de sua trajetória como filósofo-educador, múltiplos caminhos são possíveis para a compreensão da educação como processo social. As qualificações oscilam entre prática de reflexão constante, atitude transformadora do sujeito no mundo e atividade sócio-cultural que se alterna diante dos variados contextos históricos. Nessa mesma linha de reflexão, a autora Maria Célia Santos sublinha a importância da pesquisa no âmbito escolar, extrapolando os ‘muros das universidades’, muito no sentido de se (re)construir os conhecimentos já veiculados e tidos como inquestionáveis. Sob coordenação dos professores, os alunos conseguem se perceberem autônomos, na medida em que questionam, apropriam-se e criam novas e referências cognitivas (SANTOS, 2001). Aplicando essa análise para o âmbito dos arquivos, a noção de que as leituras documentais revelam caminhos surpreendentes pode ganhar força, também, no universo das escolas: se em um primeiro momento um determinado documento parece ininteligível para as crianças e os adolescentes em idade escolar, o trabalho adequado de (des)construção desse fragmento do passado, junto aos professores, apresenta-se enquanto ferramenta didática instigante para a produção do conhecimento.

A autora Heloísa Bellotto reconhece que os arquivos brasileiros foram pouco explorados para fins educativos, apesar da pedagogia no país ser notadamente marcada por iniciativas renovadoras e progressistas. Em seu diagnóstico, a pesquisadora constata que:

O que falta é uma sistemática que promova a integração da função didática com a função arquivística. É preciso que a atividade educativa arquivística passe a constituir um elemento costumeiro, constante da programação escolar nas áreas de história e ciências sociais (BELLOTO, 2005:232).

A viabilidade do *Arquieducação e Patrimônio* emerge, portanto, nesse cenário transformador: diante das lacunas de projetos que poderiam explorar as riquezas didáticas dos arquivos, a presente proposta vislumbra o ACI-RJ como local que vai muito além de guardião dos documentos da área governamental. Trazer ao seu espaço um público jovem e em formação, que não se caracteriza como frequentador pela falta de propostas de aproximação entre o ensino e as práticas arquivísticas, reside em um dos desafios principais do projeto. Aliás, os objetivos ultrapassam a ideia de proporcionar aos alunos uma mera visita técnica, já que o seu desdobramento no âmbito escolar em atividades de pesquisa, lúdicas e associadas ao programa curricular

adequado a cada faixa etária das séries envolvidas no projeto é fundamental para a efetivação dessa política de educação patrimonial³. Assim como sugere Bellotto, a comunidade deve enxergar os acervos arquivísticos enquanto espaços em que há fontes de cultura e saber, formas de entretenimento e um manancial de reconhecimento dos direitos e deveres para os cidadãos (BELLOTO, 2005:246). A riqueza temática do patrimônio articula-se de sobremaneira a todos esses parâmetros, demonstrando a viabilidade de se trabalhar o acervo do Arquivo Central para fins didático-pedagógicos.

O projeto *Arquieducação e Patrimônio* alinha-se às atividades finalísticas do Iphan, uma vez que procura viabilizar práticas reflexivas que valorizem, preservem, divulguem e promovam o patrimônio cultural brasileiro. A proposta geral reside em viabilizar que diferentes agentes sociais sejam protagonistas no contínuo processo de (re)construção dos valores patrimoniais. O contato direto com as fontes primárias sob guarda do Iphan permite múltiplas e infindáveis leituras, propiciando um instigante exercício das complexas relações de ensino-aprendizagem entre alunos, professores e técnicos do patrimônio. A perspectiva de se trabalhar a temática patrimonial nas grades curriculares das escolas, a partir de temas transversais que revelem uma destacada interdisciplinaridade, é outro aspecto que precisa ser considerado. O retorno social mostra-se, portanto, inesgotável, visto que os corpos discente e docente envolvidos poderão multiplicar suas ações em outras circunstâncias dos seus cotidianos. Em última instância, é possível dizer que a partir de projetos como o *Arquieducação*, cria-se uma rede articulada em prol da proteção do patrimônio cultural.

Ademais, a escolha para realizar dinâmicas no espaço do Arquivo Central do Iphan e nas salas de aula ancora-se nas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Em uma das passagens referentes à disciplina da História:

O trabalho de leitura de documentos, considerando as particularidades de suas linguagens, é favorável de ser desenvolvido nas séries iniciais do ensino fundamental, principalmente levando em consideração que as crianças pequenas estão tomando contato com as diversas linguagens comunicativas, como linguagem escrita, matemática e artes (BRASIL, 1997:55-6).

³ A título de ressalva, cumpre destacar que a expressão “educação patrimonial” tornou-se um adjetivo bastante comum em textos da área pedagógica, despertando certas polêmicas em torno do seu nascedouro. A fim de evitar maiores discussões infrutíferas, Mário Chagas alerta que a “educação patrimonial” significa apenas o desenvolvimento de certas práticas educacionais que têm como referenciais os bens ou as manifestações considerados “patrimônios culturais”. Cf. CHAGAS, 2003.

O manuseio com a documentação primária - a qual pode se alternar entre fotografias, recortes de jornais, manuscritos, plantas, desenhos, mapas, negativos, dentre outros - permite que se explorem as facetas da sensibilização e da participação criativa dos alunos. O patrimônio documental possui grande potencialidade como atividade educativa para as escolas da rede regular de ensino; nessa medida, há a prerrogativa de incentivar os exercícios criativos para a construção do conhecimento e a produção de histórias e memórias a partir de registros do passado.

Objetivos (re)construídos nas diferentes visitas guiadas:

O *Arquieducação e Patrimônio* pretende ser uma ação duradoura, conjunta e contínua, tendo seu desenvolvimento em consonância com o ano-letivo de algumas escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. As primeiras visitas realizadas partiram de iniciativas do Arquivo Central do Iphan, porém a disponibilidade da escola envolvida – no caso, o Colégio Pedro II da Unidade Humaitá – foi determinante para a estruturação do planejamento do roteiro da visita. Isso porque os alunos já trabalhavam previamente as temáticas de “fontes históricas”, “escravidão” e “cidade do Rio de Janeiro” em sala de aula, tendo nas dinâmicas das professoras o alicerce para os conteúdos a serem trabalhados no Iphan.

Importante sublinhar que as atividades do Arquivo Central acontecem articuladas ao Núcleo de Conservação (Nucon). Dessa forma, as práticas conservativas tornaram-se grandes aliadas na programação das visitas, uma vez que abordam o cotidiano de trabalho que visa ao tratamento documental. Técnicas de conservação, equipamentos especializados, materiais de acondicionamento e conselhos de preservação dos documentos são tópicos que integram os roteiros de visitação na Copedoc/Iphan. Além das explicações atreladas ao universo documental do Arquivo Central do Iphan - quando fontes históricas recuperadas pelos processos de conservação servem de exemplos para abordar as técnicas e os procedimentos da área de prevenção e de recuperação de papéis e de outros suportes - há sempre uma tentativa de atrelar tais conhecimentos com o cotidiano dos alunos. Ou seja, para além da importância do tratamento dos acervos arquivísticos de instituições públicas, busca-se captar aspectos do cotidiano da vida do estudante que estejam em consonância com a problemática da

área conservativa. Nesse sentido, fotografias pessoais e documentos como Certidão de Nascimento já foram objetos de atenção nas visitas guiadas.

Quanto às temáticas a serem desenvolvidas, é sempre de fundamental importância a troca de ideias entre a equipe do Iphan e os professores responsáveis por cada Instituição de Ensino, para que o “tema gerador” propicie uma bem sucedida interlocução entre o conteúdo das disciplinas em sala de aula – seja nos Ensinos Fundamental e Médio, seja nos cursos de formação continuada – e a documentação selecionada para as dinâmicas de pesquisa e leitura no Arquivo Central. Ajustes e adaptações são realizados em função das especificidades das turmas dos alunos, e dos objetivos traçados pelos professores de acordo com o planejamento do curso. Temáticas gerais como a noção de documento, as potencialidades das fontes históricas e da pesquisa, os processos de seleção de fragmentos do passado, a importância da conservação preventiva, a riqueza simbólica das fontes iconográficas, enfim, uma gama variada de possibilidades se desvenda aos olhos do pesquisador-aluno.

A título de exemplo, o edifício Palácio Gustavo Capanema, antigo Ministério da Educação e Saúde (MES), onde se localiza o Arquivo, já foi tema gerador. Há uma série de fontes primárias alusivas ao antigo prédio no Arquivo Central do Iphan: plantas baixas, detalhes das estruturas, relatos oficiais, fotografias, slides e manuscritos, além do próprio imóvel se apresentar como um ‘grande documento’ a ser desvendado pelos alunos durante a visita. Seja através de seus traços que o qualificam como um dos mais importantes exemplares da arquitetura moderna brasileira – além de conter obras artísticas referenciais de Burle Marx, Cândido Portinari, Bruno Giorgi, dentre outros notáveis -, seja a partir do peculiar contexto histórico da sua construção que envolveu desde um conturbado concurso público, passando pelo período da Segunda Guerra Mundial, além da sua inserção urbana no local do antigo Morro do Castelo, o Palácio Capanema possibilita infindáveis temas transversais que podem ser trabalhados pelos professores em sala de aula

Esse tema gerador do prédio do antigo MES exigiu o envolvimento da Biblioteca Noronha Santos, também atrelada à estrutura da Copedoc. Isso porque os títulos bibliográficos do acervo em questão são volumosos e de qualidade no que se refere à temática de derrubada do antigo Morro do Castelo. A possibilidade de percorrer o espaço da Biblioteca, aliada à atividade lúdica de ‘contação de histórias’, enriqueceu

todo o processo de ensino-aprendizagem vivenciado pelos alunos, os quais puderam, ainda, perceber a antiga ambiência do Morro e as mudanças no contexto urbano. Um detalhe que despertou grande interesse das turmas foi a informação de que o 8º andar, onde o Arquivo se localiza, correspondia ao ponto mais alto do antigo Morro do Castelo.

Breve resumo de algumas visitas realizadas ao Arquivo:

Em 2009, por meio da parceria com o Colégio Pedro II - Unidade Humaitá, realizaram-se dois conjuntos de visitas ao Iphan, envolvendo cinco turmas do 5º ano, e cinco turmas do 6º ano do ensino fundamental. Para tais visitas, houve o trabalho conjunto a partir de dois temas-geradores - escravidão urbana no Brasil Colônia e Palácio Gustavo Capanema, respectivamente -, envolvendo os espaços do Arquivo, da Biblioteca Noronha Santos, do Núcleo de Conservação da Copedoc e de alguns locais do mencionado prédio como o pilotis e a sobreloja.

Ainda no ambiente da sala de aula, houve uma mobilização para que os alunos do 5º ano selecionassem fotografias representativas de suas vivências no colégio em diferentes tempos. A ideia de começar a reunir o material para a exposição comemorativa de 25 anos da escola consistiu na motivação da coleta desses registros. Além disso, cada professor ficou responsável em introduzir informações do Iphan e da perspectiva do patrimônio cultural a partir de uma linguagem inteligível para as turmas, possibilitando uma preparação adequada para as visitas técnicas.

A primeira parte da visita ocorreu no Núcleo de Conservação, onde os alunos tiveram a oportunidade de acompanhar os trabalhos realizados com o patrimônio documental sob guarda do Iphan. Equipamentos e maquinários especiais, especificações dos materiais utilizados, relatos de algumas técnicas preventivas e sugestões das formas adequadas de conservação consistiram nos importantes tópicos abordados. Interessante frisar que os alunos puderam realizar os próprios condicionamentos das suas respectivas fotografias, a partir de orientações permeadas por teoria e prática das técnicas conservativas. Nessa medida, houve a sensibilização para que os documentos importantes da vida de cada um recebesse os devidos cuidados preventivos.

Já no espaço do Arquivo Central, os alunos acompanharam a ‘contação de história’ de uma adaptação livre da obra “Chico Rei”, cuja autoria é de Renato Lima e as ilustrações são de Graça Lima, pela Editora Paulus. A peça teatral integra o projeto *Patrimônio e Leitura*, coordenado pela Copedoc, cujo objetivo principal reside na criação de instrumentos de referência de cunho educativo e promocional sobre o patrimônio cultural. Em meio aos temas abordados na contação - dentre os quais há o registro das formas possíveis de ascensão dos escravos que o cotidiano urbano no Brasil Colônia oferecia, a própria dinâmica da vida colonial, em especial o universo plural das Irmandades -, as construções de várias igrejas do Rosário pelo país foram destacadas nas falas dos artistas que atuaram na peça de teatro.

A opção pelo destaque ao templo religioso justificou-se pela tentativa de apresentar aos alunos a documentação histórica presente no acervo do Arquivo Central do Iphan sobre a igreja do Rosário localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Em meio às fotografias antigas, aos recortes de jornais de época, às plantas e desenhos do imóvel, além da cópia do centenário livro da Irmandade, os alunos exercitaram, ativamente, criativas problematizações e reflexões em torno dos documentos. Nessa medida, a atividade da pesquisa pôde ser percebida de maneira efetiva, qualificando a mesma enquanto uma das formas estratégicas de preservação do patrimônio cultural brasileiro.

Os alunos tiveram, ainda, a oportunidade de conhecer todo o espaço do Arquivo Central do Iphan: mobiliário, suportes documentais, condições adequadas de guarda dos documentos e manuseio das fontes históricas foram as temáticas abordadas durante esse reconhecimento. A interatividade com os alunos era garantida através do diálogo entre os técnicos do Arquivo e as turmas, que a cada detalhe novo percebido, realizavam perguntas e comentários acerca do universo dos ‘bastidores’ das dependências da área da documentação. O trabalho do Núcleo de Conservação pôde ser ainda mais conhecido a partir do contato com fragmentos documentais que já se encontram nas ideais condições de guarda.

Para o roteiro de visitação do 4º ano, cujo tema principal em sala de aula trata do Rio Antigo, os alunos foram recebidos pelos contadores que se transformaram em guias de um breve passeio pelo prédio e pela história de fundação da cidade. As crianças vivenciaram *in loco*, a trajetória de transformações do espaço que o prédio ocupa hoje.

Toda essa dinâmica foi pensada a partir das referências basilares do projeto *Patrimônio e Leitura* já experimentadas na Festa Literária de Paraty (Flip), que ao entrar em interface com o *Arquieducação*, estabelece fronteiras fluidas de trocas de experiências nos processos de ensino-aprendizagem. Enfim, ambos os projetos se fundem, tendo resultados positivos colhidos já nos momentos das visitas dos alunos e professores.

No espaço da Biblioteca Noronha Santos os alunos tomaram contato com a bibliografia sobre o antigo Morro do Castelo e seu desmonte, bem como sobre a construção do Palácio Gustavo Capanema, ícone da arquitetura moderna, prédio também tombado pelo Iphan. Essa apresentação da bibliografia foi enriquecida com noções sobre a conservação e cuidados básicos com os livros e pelo convite aos alunos para descortinarem a vista que se tem do 9º andar sobre a implantação do prédio, a vizinhança com antiga Igreja de Santa Luzia, originalmente no sopé do morro e que ainda evoca o tempo em que era contígua ao mar. Assim como aconteceu com o 5º ano, os alunos do 4º ano vivenciaram no Arquivo Central a contação do “Chico Rei” e sua relação com a documentação, terminando a visita com a ênfase dada pelo projeto ao valor dos documentos e do trabalho de pesquisa para a construção da memória.

Ainda no ano de 2009, somaram-se os projetos desenvolvidos em parceria com Secretaria de Educação e Instituições de Ensino do Estado do Rio de Janeiro visando ao aperfeiçoamento e à sensibilização dos professores com relação às questões que envolvem a pesquisa, a conservação de documentos e a produção de conhecimento. Nesse caso específico, as turmas de alunos não foram os nossos públicos-alvo, ficando as dinâmicas voltadas para os corpos docentes das escolas de ensino fundamental e médio. Por meio da parceria entre Iphan e Programa de Alfabetização e Leitura (Proale) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), recebemos alguns professores do Curso de Extensão. A ideia geral desses educadores como agentes multiplicadores foi a tônica da nossa dinâmica nos espaços do Núcleo de Conservação, quando manusearam fontes e acondicionaram as mesmas adequadamente, e do Arquivo Central do Iphan, onde os professores assistiram a um vídeo que condensa as atividades com os alunos do Colégio Pedro II e conheceram as principais características do acervo e suas potencialidades para futuras visitas guiadas

Já em 2010, o movimento ocorreu em um sentido inverso: fomos procurados pelo Colégio Pedro II – Unidade Humaitá, o qual tinha um projeto integrado com todas

as turmas e professores por conta dos vinte e cinco anos de fundação da escola. Durante alguns meses, o corpo docente trabalhou com todos os alunos diferentes experiências, que se diversificavam desde o recolhimento de fotos das antigas turmas, passando por dinâmicas que problematizavam como estará o país daqui a vinte e cinco anos, tendo como eixo norteador a ideia de armazenar todo esse conjunto de materiais produzidos e recolhidos pela escola em uma “Cápsula do Tempo”. Esta, por sua vez, será aberta somente em 2035 como proposta pedagógica de pensar nas possibilidades que uma sociedade tem em deixar registros cotidianos de seu tempo, além de viabilizar aos futuros alunos pensarem e problematizarem o contexto histórico de 2010.

Nossa proposta centrou-se em fornecer esclarecimentos e informações sobre técnicas de conservação de documentos e sobre o papel da pesquisa na construção da memória e nos trabalhos de preservação de um modo geral, dessa vez, deslocando-se para o espaço da escola. Fizemos o lacramento da cápsula juntamente com as professoras coordenadoras e documentamos essas ações no Iphan. Na sequência, estivemos presentes na solenidade de enterramento da “Cápsula do Tempo” no Colégio e projetamos desenvolver em 2011 novos desdobramentos para essa temática. A princípio, pensamos em simular a instrução de um Processo de Tombamento do local de guarda da cápsula, trabalho este que deverá ser realizado em conjunto com os professores e alunos da escola. Ainda não detalhamos as nossas estratégias, as quais deverão ser desenvolvidas em conjunto com o corpo docente do Pedro II.

Por fim, no ano de 2010, a parceria com o Proale/FEUFF possibilitou a visita do 6º ano do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni) da UFF, por meio da associação do projeto *Arquieducação* com o projeto *Patrimônio e Leitura*. Além da leitura de livros, promovida pelos catálogos editados no âmbito do Projeto as atividades desdobraram-se em outras formas de percepção e apropriação de conhecimentos, como a produção pelos alunos de livros de memórias, varal de sentimentos e, uma visita ao prédio do Iphan, para os leitores do 6º ano ampliarem suas referências sobre a importância da conservação de fontes históricas pelo Setor de Arquivo e Conservação do Iphan.

Para a visita priorizamos a leitura do título infanto-juvenil “Dirceu e Marília”, autoria de Nelson Cruz, cuja apresentação ficou sob responsabilidade das professoras do Proale/UFF. Logo depois, a equipe do Arquivo dinamizou a apresentação do acervo a

partir da seleção de documentos que remetiam à noção da importância dos equipamentos urbanos nas cidades coloniais brasileiras, em especial Ouro Preto, cenário onde a história da trama abordada pelo livro se desenrola. Nosso foco priorizou as plantas, descrições técnicas, fotografias, recortes de jornais e estudos do Iphan acerca dos chafarizes e pontes, quando os alunos puderam problematizar as questões que permeiam as (des)construções desses documentos a partir de suas leituras críticas. A visita ao Núcleo de Conservação também foi realizada, destacando-se a apresentação do espaço e de algumas técnicas conservativas, além do acondicionamento das fotografias da visita da turma no Palácio Gustavo Capanema por parte de cada aluno.

As ações integradas do *Arqueducação e Patrimônio Leitura* possibilitaram estruturar as visitas ao Iphan, em especial aos espaços do Arquivo Central e do Núcleo de Conservação da Copedoc, recebendo um público até então pouco comum para as nossas dependências. Se os caminhos das áreas da pesquisa e da documentação podem parecer, em um primeiro momento, inacessíveis para as redes de ensino fundamental e médio, as nossas experiências têm revelado que as fronteiras entre a universidade e as escolas são permeáveis, instigantes e fomentadoras nos processos de ensino-aprendizagem de história. A partir das visitas guiadas, desde que devidamente planejadas e construídas coletivamente com os professores, o campo do patrimônio cultural pode ser ainda mais desbravado e vivenciado por esses atores sociais, suscitando reflexões em torno da história, da memória e das múltiplas identidades.

Referências Bibliográficas:

BELLOTO, Heloísa Liberalli. “Difusão editorial, cultural e educativa em arquivos”. In: *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Parâmetros Curriculares Nacionais. PCN de História, p. 55-6. Disponível em: www.portal.mec.gov.br, acesso em: 21 março 2011.

SANTOS, Maria Célia Moura. “Museu e Educação: conceitos e métodos” Disponível em: [www.rem.org.br/download/MUSEU E EDUCACAO conceitos e metodos](http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_EDUCACAO_conceitos_e_metodos), acesso em: 21 março 2011.

CHAGAS, Mário. “Educação, Museu e Patrimônio: tensão, devoração e adjetivação”. Disponível em: www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=145, acesso em 22 março 2011.